

Cultura

“Maremúsica”



Vaine Darde

Por Paulo de Campos

Nesta semana apresento a poesia do uruguaiano **Vaine Darde**. Um dos maiores poetas do Rio Grande do Sul, que surge nos festivais gaúchos como letrista, já se destacando desde o primeiro em que participa lá na década de 80. Depois, veio morar no litoral e falou com maestria em seus poemas sobre mar e música. Aqui, alguns de seus escritos com essa temática: A música e o mar. O mar, a música. A musicalidade do mar. Mar em música! Maremúsica!

O litoral é uma orquestra regida pelo vento sob a pauta das marés. É percussão de onda golpeando a pele da praia numa sucessão desatinada de líquidos acordes. O fole litorâneo não dá trégua, noite adentro, solfejando sinfonia em desvario. Há horas em que o mar parece querer se derramar, inundar, invadir de arpejos afogados minha insônia indefesa, canta grita se avoluma em melodias, depois se harmoniza em tímido recital de cordas, num mágico acalanto para o sono dos amantes. O mar se ameniza com serena serenata de maré.

A música marinha contagiou minha poesia com timbres tão marcantes que transito pelos versos como se apenas fora tradutor do oceano. Há mar demais no meu poema, as sílabas se sucedem no mesmo ritmo alucinado das ondas em plenilúnio, na mesma inquietação sonora dos ventos desordenados. Eu, que buscava silêncio para o ofício da palavra, sofro constantes ressacas de sonatas e noturnos e madrigais. Eu, que pretendia habitar a solidão, sinto-me povoado por uma rebelião acordes, sinto-me um homem só tocado por todos os instrumentos de uma orquestra colossal.

Agora entendo porque o litoral é tão pleno de músicos e músicas, agora entendo a sonoridade solitária que conspira pelos bares, a poesia que pula corda no braço dos violões, que saltita nos teclados e se evade dos foles e assobia nas flautas. Agora entendo: é puro encantamento, é o mar se derramando em matéria musical.

A Música

I

A música é o meu pão de cada dia.
A única paixão de toda noite.
O cântico de Deus que se anuncia na tessitura líquida da fonte.
A música é o rosário dos eleitos na dádiva divina do exercício.
O místico trajeto da poesia no objeto mágico do ofício.

II

A música me timbra em suas sílabas enquanto vibra em mim a clave trêmula.

Exerce seu designio divino na síntese do som buscando o céu.
E, tímida, goteja no silêncio a lágrima que canta no papel.

Silêncio

Silêncio é a música em repouso no verbo que prepara o som na lira, é gênese do acorde que delira a espera do momento venturoso... Silêncio é palavra em pleno gozo, calada no papel em que conspira, polindo a tessitura de onde tira o timbre angelical e melodioso. Em tudo que ressoa vibra o senso marcante dos matizes que carrega em pausas de sonoros movimentos. Não fosse a clave muda do silêncio, o som seria o caos impondo regras num mundo sem sonatas nem sonetos

Uma Canção Desesperada



Talvez eu seja o único louco lúcido
Que se dedica ao ofício de juntar conchas,
Colher música pela praia
Para povoar de acordes
A solidão do litoral.
Tenho, no quintal, uma orquestra incalculável...

Um acervo de sons enclausurados
Em pequenos realejos de sonora madre-pérola.

Há conchas enormes
Onde viola e violoncelo cantam, em uníssono,

Valsas tristes de ressaca e ventania;
Pequenas e rosadas
Onde flautas invisíveis
Traduzem aos ouvidos
Serenatas de maré harmonizada.
Outras,
Guardam árias completas
De óperas marinhas,
Solos de violinos em sonâmbula sonata,
Prelúdios nupciais de brisa mansa,
Noturnos sonolentos de acordes repetidos

Madrigais repletos de clarim e sal
E canções codificadas em murmúrio de maré.

Em cada concha inesperada
Há uma sonoridade insuspeita,
Convulsa partitura depositada na praia,
Marinho designio musical.
Ocultas no silêncio, canções dormem na areia.

Arpejos, sopros, timbres trêmulos
Reposam em acordes esquecidos na aurora.

Neruda conhecia o mar...
Por isto, colecionava conchas.
É bem provável que tenha traduzido
De uma delas

A “Canção Desesperada”.

E tu brincas distraída,
Deslumbras-te com as conchas
Sem saber do amor do mar...
E o mar desconsolado
Vem cantar em tuas mãos
A “Canção Desesperada”.

Canção das Casuarinas

O vento sul chega sempre intempestivo

Soprando todas as flautas dos Andes,
Excitando o mar, desnordeando os cataventos,

Despojando os hibiscos de recente floração,

Instaurando o caos na imensidão marinha

Enquanto as ondas tamborilam sobre a pele da areia.

O vento estende seu domínio pela praia,
Varre, verga, violentando as vielas
Com vigilância voraz:
Despeja os ninhos das ramagens,
Uiva nas janelas,
Arremessa fúria contra as portas
Invadindo a insônia e a solidão
De quem guarda território...

O vento sul não poupa a sua ira,
Grita, enlouquecido nos telhados,
Com furor de sonora rebeldia,
Investe contra a margem
Derramando-se em líquido rumor. =
Arrebata o silêncio das pousadas
Impondo, à monotonia da aldeia,
Um torvelinho de sons.
Nessas noites de orquestração tempestuosa,

Delírio de vocábulos indecifráveis,
O mar ameaça tomar o continente,
O vento sul instaura seu regime
De desordenada sonoridade
Com estranhos oboés enfurecidos
E insônia febril de violoncelo.

Há inquietação territorial nas dunas,
Procissão de folhas pelas ruas.
A fragilidade dos telhados
Não resiste às investidas
De invisíveis arremessos.
Parece infundável o mandato
Opressor da ventania,
A sentença que desfere o vendaval.

Mas, em plena desordem musical,
Enquanto uiva o lobo da montanha
E o mar açoita seus tambores pela orla,
Enquanto o caos sonoro atormenta a noite negra,
As casuarinas se insurgem
Em pleno temporal
E exercitam seus violinos para ti.

Musical

Que calçada, de que rua,
estará cantando, agora,
a música dos teus passos?
Tu deixas música por onde passas...
Mesmo em tua ausência
há um silêncio musical.

Matéria Musical



Há alguns anos fiz do litoral o meu refúgio. Recolhi-me entre as dunas e as montanhas numa espécie de exílio proposital. Declinei das multidões com o único propósito de encantar o meu silêncio e povoar, com as ausências que me habitam, a solidão provisória que outrora embandeirei com gerânios e camélias.

Vim fazer aula de canto com o vento e as ondas. Queria aprender música com o mar e as casuarinas. E, de tanta substância musical derramada na areia, de tanta tessitura aérea exercitada nas ramagens, de repente meu poema tem a música das conchas, põe cortinas nas janelas com o véu das maresias e invade o céu da boca com um tom de sal na língua.

Shirley Cabeleireira

No quesito beleza os cabelos vem em primeiro lugar.
Valorize também os seus. Acompanhando as tendências da moda. Seja no corte, na coloração, química e etc...
Deixe seus cabelos com a cara da estação e com o profissionalismo do Salão de Beleza Shirley.

Av. Getúlio Vargas, 831(ao lado da Loja Clic Veículos)
Fones:(51) 3663 7854 / (51) 99925181